

Lingua Indigena

O NOME—CEARÁ'

O Dr. Theodoro Sampaio, no seu bellissimo artigo publicado no *Estado de S. Paulo* de 30 de Maio ultimo, relativamente a origem do nome Ceará, diz no 6.° periodo: O Snr. Antonio Bezerra de Menezes opina pela identidade de Ceará com Sahara, alludindo ao grande deserto africano com o qual, diz elle, os primeiros exploradores teriam achado assemelharem-se as terras do Ceará.

Peço mui respeitosamente licença ao illustre engenheiro para dizer que das palavras do meu pequeno trabalho *O Ceará e os Cearenses*, impresso no tomo V da *Revista da Academia Cearense*, que áquelle nome se referem, não se conclue que eu tenha definitivamente dado tal interpretação, quando ao contrario penso de modo diverso.

Eu disse á pagina 147 da referida *Revista*: As vezes levamos a pensar si os primeiros povoadores, Pedro Coelho de Sousa ou os Missionarios Francisco Pinto e Luis Figueira, estes principalmente que eram homens de talento e instruidos, não influiram para que se denominasse a nova terra de Sahara em vista das dunas que orlavam as praias e grande extensão á similhança do desolado

deserto. As duas palavras quasi que se confundem na pronunciação, e a muita gente temos ouvido chamar Sahará. Esta questão de origem da palavra Ceará ainda não foi decidida. Ha de ser mais tarde.

Como se vê, levantei apenas uma hypothese. Tratei a questão de um modo condicional, e conclui dizendo que não havia ella sido até então resolvida.

Agora, porem, que o Snr. Cunha Mendes tomou a peito determinar positivamente a verdadeira origem do referido nome, vou dar tambem a minha opinião.

Primeiro que tudo, cumpre-me declarar que nem sempre aceito as explicações etymologicas que dão ás palavras indigenas os traductores ou melhor os indianistas, como são conhecidos hoje os mais aptos no estudo comparativo das linguas com a dos tupis, por julga-las falseadas relativamente a verdadeira origem do vocabulo, que se alterou ao contacto de povos que possuiam phonetica muito differente.

Os Hollandêses, os Inglêses e até os Francêses nunca puderam graphar de modo similhante, em seus livros, as palavras dos indigenas, e dahi vem que os primeiros escreveram o nome do rio Upanema, actualmente Apody, Iwyponin, pagina 84 da *Revista do Instituto do Ceará*, de 1896, Iwipanin pagina 85, Ywipanin pagina 88, Iwipanema pagina 93, Ipanema pagina 290, Wipanim pagina 295.

Os mesmos chamaram a Nhandui ou Yandui ou Jandui o celebre morubichaba da Parahyba, João Wy, que na verdade não deixa conhecer sinão por adivinhação o seu verdadeiro nome. No livro de Roulox Baro vem escripto Jean Dory, e em Barleus muito claramente Jandovius.

João de Lery, na sua *Historia de uma viagem feita a terra do Brazil*, traduzida pelo Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, escreveu Tououpinambaults por Tupinambás, pag. 41, Quoniam por cunhan, pag. 78, boure por boré, pag. 80, boucan e boucaner por moquem e moquear, pag. 84, tououus por teus, pag. 100, Ian-ou-are por Jaguára, pag. 102, toucou por tucano, pag. 110, gonam-

brich por guainambi, pag. 111, Oouetacas por Goitacazes, pag. 172. etc.

A pagina 1.ª do seu livro *Historia dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, publicada em Paris no anno de 1616, o P.ᵉ Claudio d'Abbeville chama o Indio Pau-secco, o amigo do capitão Riffault, quando visitava a capitania da Parahyba Ouyrapine, aquelle mesmo que o Dr. Cesar Augusto Marques suppõe que a ouvidos portuguêses era Ibiaraypi.

Nada mais arbitrario.

Vejamos um exemplo dos proprios portuguêses.

O P.ᵉ Fernão Guerreiro, que escreveu á respeito do Brazil a parte extrahida do livro 4.º da *Relação annual das cousas que fizeram os P.es da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental*, no anno de 1606 a 1607, publicada em Lisbôa no anno de 1609, chama Ibigapaba a serra actual da Ibiapaba; nas Instrucções do Governador geral Gaspar de Sousa para o Sargento-mór Diogo de Campos Moreno, em 22 de Junho de 1614, lê-se alli Buapaua; na *Jornada do Maranhão* escreve o mesmo Sargento-mór Buapava á pag. 166 e Buapavá á pag, 186; o P.ᵉ Claudio d'Abbeville, á pag. 85 da obra acima citada, Ibuygapap; na *Relação sumaria das coisas do Maranhão*, o capitão Simão Estacio da Silveira, Goapava, á pag. 6; o P.ᵉ José de Moraes, á pag. 6, da *Historia da Companhia de Jesus na vice-provincia do Maranhão e Pará* Ibyapaba, etc.

Qual a verdadeira origem do nome?

O etymologista decompõe a palavra a seu geito, inventa radicaes e os colloca como bem lhe parece sem se importar si esse arranjo era o seguido na lingua indigena, sendo ainda de notar que os mais impavidos para estas inventivas são homens do merito do Visconde de Porto Seguro, de Von Martius, de E. Liais e de Barbosa Rodrigues, diz em tom de queixume, á pag. 64 das *Notas* sobre o precioso livro *Do principio e origem dos Indios do Brazil* de Fernão Cardin, o illustrado Dr. Baptista Caetano.

E' pura verdade, e agora imagine-se o que não teriam feito os menos aptos.

Segundo o Dr. Paulino Nogueira no seu *Vocabulario indigena em uso no Ceará*, Von Martius e Gonçalves Dias traduzem Porangaba por belleza, quando em todos os documentos antigos que se occupam dos primeiros tempos da colonização da nossa capitania aquelle termo vem sempre escripto Parangaua até 1739, epoca mais ou menos em que se alterou para Parangava e depois para Porangaba; e nem podia deixar de assim ser, visto como não se distinguindo até então as letras i e j, u e v no alphabeto, os portuguêses se serviram de preferencia do i e do u, e só depois se fez a conveniente applicação, que teve começo no seculo XVI, e não se assentou definitivamente sinão no fim do seculo XVIII.

Ora, os colonos desembarcados do norte de Portugal, que costumavam trocar o v pelo b, acabaram por transformar a palavra Parangava em Porangaba, Jaguarive em Jaguaribe, Buapava em Ibiapaba, Prayva em Parahyba, guaiava em goiaba, etc.

Como teria sido decomposta aquella palavra pelo etymologista? Parangaua ou Parangava ou Parangaba ou Porangaua ou Porangava ou Porangaba?

Domingos Correia e outros companheiros obtiveram, em 29 de Maio de 1684, uma sesmaria no logar Maragucape; Thomé Dias, principal da Aldeia Parangava, obtem outra em 25 de Fevereiro de 1707 no mesmo logar sob o nome Maragoape, e na planta do forte de Schoonenborch, levantada em 1649 acha-se Maragoa, que é a mesma serra de Maranguape.

Qual deve ser o mais correcto? Naturalmente o de Maragoape com que o pediu Thomé Dias, Indio petiguar da raça tupi.

Parece que os colonos alteravam os nomes para torna-los mais brandos e comprehensiveis.

O rio Banabuyu, por exemplo, foi pedido em 5 de Janeiro de 1685 por Domingos Rodrigues Correia sob o nome Boneboiu; em 4 de Junho do mesmo anno por Manuel de Góes e outros sob o de Bernabeu, e em 18

de Abril de 1687 por Domingos Alves Gama sob o nome de Benabeu, e dahi por deante foi-se modificando esta palavra até que por fim tornou-se mais facil de pronunciar-se.

No *Vocabulario* citado do Dr. Paulino Nogueira vem escripto Banabuihu, e a sua etymologia segundo Von Martius é explicada da corruptéla Panamby borbolêta, e hu agua.

Esta explicação satisfaz ?

A data do Acarahu, adquerida por Manoel de Góes e outros em 23 de Setembro de 1683 sob o nome de Caracu, e a da lagôa Caracusinho pedida pelo capitão-mór Felippe Coelho de Moraes, em 15 de Julho de 1682, acham-se no *Vocabulario* com esse mesmo nome, mas com o prefixo A, e é assim explicada a sua etymologia: —acara peixe, aca corno e hy agua.

E no emtanto não ha um só documento dos primeiros tempos da capitania em que se encontrem estas palavras, que não estejam escriptas Caracu e Caracusinho.

Desconheço até hoje a razão por que o Araré na data conseguida por Manoel Lourenço de Mattos e outros, em 4 de Junho de 1685, e a serra do mesmo nome que foi cedida ao sargento-mór João da Costa Silva, em 22 de Oitubro de 1708, cujo nome foi ainda dado a Aldeia dos Payacus, fundada pelo P.e João da Costa, perto do Aracati, e vem repetidas vezes este nome daquella forma em diversos documentos, se traduza em Areré, pequena marreca—corruptéla de ércré, por causa do seu canto que parece exprimir é-re-ré; e do mesmo modo o riacho Araibu, que constitue a sesmaria de Christovão Soares de Carvalho e outros, passada em 1.º de Dezembro de 1695, e vem assim graphado em varias escripturas de vendas de terras da mesma, se transforme em Areribu para ter a seguinte etymologia: areré e pu estrondo: grito da areré.

Tudo isso para dizer mais uma vez que nem sempre me conformo com as interpretações dos indianistas, e nesta materia estou de accordo com o sabio Hovelacque

que diz: A etymologia em si não passa de adivinhação. Esta é que é a verdade.

Entremos agora na grande questão do nome Ceará. Os Indios petiguares batidos na Parahyba e Rio Grande pelos conquistadores, e enfraquecidos pelas adhesões que aos mesmos faziam alguns chefes da sua tribu, passaram alem das raias da sua situação, que se suppõe chegava somente até o Apody, e se espalharam pelas terras proximas ao mar da futura capitania do Ceará, escolhendo de preferencia a barra do pequeno rio a que deram este nome.

Sem duvida, foi composta esta palavra de çôo, sôo ou sûu caça, e ara passaro, ave em geral, que traduzia perfeitamente a prodigiosa quantidade de caça que por alli havia, e os surprehendera, visto como não a encontravam em tanta abundancia em seu territorio.

Penso com o Dr. Paulino Nogueira, quanto a composição da palavra, mas entendo que ella significa passaros em quantidade de caça ou para a caça ou outra variação que a isso corresponda.

Povoado já então o norte do Brazil até o Rio Grande, permanecia a região do Ceará deshabitada, parecendo que as aves para ahi se recolhiam evitando a perseguição dos colonos e selvagens, como mais tarde enchendo-se de povoadores a capitania se refugiaram na serra da Ibiapaba e no Piauhy.

Vivendo os Indios exclusivamente da caça e da pesca, e chegando a logar tão apropriado ás suas exigencias, longe de inimigos e onde superabundavam os meios faceis de vida, deviam ter ficado impressionados com tal prosperidade e nelle se estabeleceram muito antes que por alli passasse Pedro Coelho de Sousa ou outro qualquer explorador, como o dá a entender Diogo de Campos Moreno, á pag. 160 da *Jornada do Maranhão*, quando diz: *que o capitão-mór marchou até o Jaguaribe, donde no Ceará ajuntou a si todos aquelles Indios moradores.*

Logo os Indios petiguares eram já moradores naquelle local.

Pode-se bem avaliar da quantidade de passaros que então viviam nesta região, pelo que escreve o mesmo capitão-mór, que conheceu bem o territorio, e por alli passou se demorando em 1614, á pag. 183 da referida *Jornada:* «No dia 25 de Setembro o sargento-mór do Estado foi pelo rio Curú acima em um batel armado mais de cinco leguas por reconhecer aquellas terras e aguas, nas quaes não achou coisa de consideração, ao longo do rio, mas achou *infinita* caça e pescaria de que tudo aquillo abunda maravilhosamente, e assim neste logar se pode dizer que aquella gente não teve fome.»

Note-se bem, infinita caça! e a pessôa que o diz é digna de toda confiança e criterio.

Della alimentou-se o povo que ia na armada com destino á conquista do Maranhão.

O P.e Claudio d'Abbeville, no livro já mencionado, escreve á pag. 53, quando se refere a demora que teve no Cabo das Tartarugas, hoje Jericoácoára: «Este logar é muito bonito e maravilhosamente agradavel, abundante de fructos e de caça; e a pag. 85, tratando da chegada do P.e Francisco Pinto á Ibiapaba, diz ainda: Ahi existem bôas fontes e rios de agua doce (coisa admiravel) abundante de diversas especies de peixe por ahi desconhecidas; grandes campos e muitas florestas repletas de muitas quantidades de passaros e outros animaes optimos para se comer: é uma verdadeira maravilha.»

Sempre foi o Ceará muito farto de caça, e era tal o estrago que faziam os passaros a lavoira, que as camaras municipaes obrigavam os moradores a matar annualmente um certo numero sob pena de multa e cadeia.

De prompto, encontrei entre as disposições deixadas pelo corregedor Alexandre de Proença Lemos, na audiença geral de 14 de Setembro de 1750, na villa do Aquiraz, a seguinte: «que os lavradores seriam obrigados a dar doze cabeças todos os annos a camara de periquitos e outros passaros que fazem damno, e não dando as ditas cabeças dentro no anno seriam condemnados em doze mil reis.»

A quantidade desses destruidores de plantas devia ser extraordinaria para impor-se tão excessiva obrigação que devia pesar sobremodo na bolça dos lavradores daquelle tempo.

Todas as demais camaras impunham multas identicas, mas não me foi possivel achar de momento taes disposições, cabendo-me garantir que as tenho encontrado em todas, e tanto é verdade que ainda no anno de 1804, cento e quatro annos depois da primeira villa nesta capitania, a camara de Fortaleza fez publicar um edital para que todos os lavradores do termo da villa fossem obrigados a apresentar ao escrivão trinta cabeças de passaros de bico redondo.

Apesar dessas ordens de exterminio, não foi possivel extingui-los, e ainda em nossos dias, alguem que atravessa o sertão, ouve continuamente, á longa distancia, a algazarra infernal que fazem os periquitos em bandos immensos á sombra das arvores, sobretudo das oiticicas, nas horas quentes do sol.

Não se pode descrever o numero das pombas de bando, a que o povo chama avoantes, que percorrem o Estado de um a outro extremo, parando ora num municipio, ora noutro, onde são colhidas em fôjos armados á beira dos poços dos rios ou açudes em numero de vinte, trinta, quarenta mil e mais por dia.

E' impossivel fazer idéa aproximada da fabulosa quantidade dessas aves da familia *Columbidæ* aquelle que não as viu em sua constante perigrinação, na qual são perseguidas de modo barbaro pelos caçadores e pelos animaes carnivoros, e que apesar de toda a destruição augmentam o numero surgindo os filhos aos milhares dos ovos incubados pelo calor do sol.

São ellas só encontradas no Ceará, e quando muito transpõem os limites da Parahyba e Rio Grande, na zona sertaneja.

Si o notavel engenheiro inglês Patrick O' Meara pasmou de admiração ao vê-las no municipio do Lavras quando por alli estudava o terreno para o reservatorio

do Boqueirão da Serra, em 1893, imagine-se a impressão que não teriam ellas causado aos indigenas.

Foi sem duvida a caça o motivo que tiveram os petiguares para compor o nome do logar, onde primeiro se estabeleceram nesta capitania.

Ainda este anno o Barão de Capanema, no seu folheto *A Secca do Norte*, referindo-se ao Ceará, diz a pag. 3 do mesmo, periodo 3.°: «Um terreno pedregoso, secco, coberto de arvoredo, com troncos denegridos, sem uma folha, produziria a impressão de uma natureza morta — mas uma atordoadora algazarra de papagaios, periquitos, jacus, quéro-quéros, chechéos, corrupiões e bandos de pombas revelam a existencia de vida, de uma natureza animada, etc.»

No começo da colonização, quando eram virgens as mattas e o Jaguaribe corria até o oceano, muito mais rica devia ser a terra desses pequenos seres em tempos de plena liberdade.

Deu-se mui naturalmente a corruptéla de çôo, sôo ou sûuara para Ceará ou Seará, e entre nós mesmos temos exemplos que explicam sem difficuldade esse transvio dos principios estabelecidos.

Examinemos.

Gregorio de Figueiredo Barbalho com 13 companheiros conseguiu, em 22 de Oitubro de 1695, a sesmaria do riacho, a que deu nome, no municipio do Pereiro, e sendo o primeiro, tirada a legua da largura do provido do Jaguaribe, fundou o seu sitio á margem direita do dito riacho, denominando-o Utuva, cujo nome consta do requerimento de Manoel Ribeiro Figueiredo, em que pedia uma sesmaria no riacho da Varzea-grande, na qual se lê que esse riacho corre do nascente a poente, e faz barra no sitio chamado Utuva, pertencente ao capitão-mór Gregorio de Figueiredo Barbalho.

Foi-lhe concedida em 11 de Março de 1734, o que quer dizer, que ainda nessa data conservava o tal sitio aquelle nome.

Como se vê, Utuva corrompeu-se em Viuva, e hoje ninguem será capaz de pensar que este foi o mesmo do

capitão-mór Barbalho, que passou ao Coronel Theodosio Pereira de Mello, e a sua viuva Thereza Gomes de Jesus o vendeu por escriptura de 23 de Janeiro de 1775 ao capitão Antonio de Olanda Cavalcante, supponde algumas pessôas que assim veiu a chamar-se por causa dessa viuva, que o possuiu por muitos annos. Em bem pouco tempo fez-se a alteração.

Hoje constitue elle o povoado do Alto-Santo, pertencente ao municipio do Limoeiro.

Li algures nos autos de uma demanda entre confinantes do sitio Caixa-só, actualmente Iracema, que se denominava então Quixoaçu, e, não podendo achar este documento, descobri outro que embora já esteja corrompido, dá todavia a prova do que acabo de affirmar.

E' a escriptura de venda que, em 9 de Setembro de 1763, faz Manoel Pereira Souto, como testamenteiro do commissario Pedro de Sousa, ao Rvd. José Lopes Santiago, de 3 leguas em o sitio Quixoaçó, no riacho Figueiredo, a qual houve por data, e confrontam da parte do nascente com as terras da fazenda Pilar e Cachoeira, e do poente com a serra e sitio do Amoré, e da parte do norte com terras de Antonio Dias Parente, e da parte do sul com terras da fazenda dos Remedios e Caiçara, etc.

Note-se bem que esta fazenda pertenceu ao 2.º donatario na data do Figueiredo, commissario Pedro de Sousa, e que, portanto, foi elle quem situou-a com aquelle nome que nessa data vende o seu testamenteiro, o qual devia ter a perfeita significação da palavra em sua origem.

Mais tarde passou a chamar-se Quixosó, como da escriptura de composição entre o capitão Felippe Ignacio de Moura e João José de Moura, do modo seguinte: Em 4 de Setembro de 1797 o capitão Felix Ignacio de Moura e sua mulher Maria Ferreira da Costa, e seu irmão José de Moura e sua mulher Isabel Maria de Couto declaram que entre si haviam comprado uma sorte de terras de 3 leguas, no riacho Figueiredo, sitio chamado Quixosó, como consta da mesma data e escriptura. e porque entre elles resolveram por esta escriptura partir a dita sorte de terras, ficando o capitão Felix

Ignacio de Moura, da banda de baixo da parte do nascente, e o Tenente João José de Moura, pela outra parte do riacho, onde já está situado, que é o poente, ficando assim todos divididos para não haver questão entre elles, etc.

Não ficou aqui. Mudaram-no para Caixa-só, e ainda hoje ha quem sustente com certa convicção que este nome veiu de uma caixa-só que se encontrou abandonada naquelle logar.

Ora, si não fossem os documentos acima referidos, como se adivinharia a etymologia desse vocabulo?

Quixoaçu para Caixa-só! nunca mais que se havia de achar a explicação, si por ventura tivessem desapparecido os registos da villa do Icó.

Ha tempos discutiu-se longamente nesta capital sobre ser Aguanambi e não Eguanambi o nome do sitio, que se encontra no começo da estrada de Mecejana. Exacerbaram-se os dois contendores e ficou decidido que seria Aguanambi, das palavras de um português que, pretendendo arrendar o sitio para plantações, e afiançando-lhe o proprietario ser abundante de agua, respondeu ao voltar a cidade: agua não bi; e por isso se ficou chamando o dito sitio Aguanambi.

O outro reclamava a preferencia para Eguanambi, allegando que nambi segundo a etymologia vinha de naambi orelha, e como tal era synonimo de troncho, e que por tanto aquella palavra significava egua que só tinha uma orelha.

Valeu a opinião do primeiro talvez por mais *decente*.

Entretanto em 1895 verifiquei que o verdadeiro nome era Jaguarnambi, em vista do requerimento do Missionario geral das Missões do Norte, P.^e Domingos Ferreira Chaves, que em 17 de Junho de 1718, pedia ao capitão-mór Manoel da Fonseca Jaime, a terra que se achasse devoluta de Jaguarnambi para a fortaleza, testada da data do alferes Felippe Coelho de Moraes, e a que se achasse devoluta de Domingos de Azevedo, do rio Cocó, e a de Domingos Lopes e João Coelho, pretos forros, buscando a fortaleza.

A vista, pois, do exposto a corruptéla de Ceará ou Seará é menos sensivel que as das palavras acima.

Os colonos aportuguezavam as palavras indigenas, si assim me posso exprimir, tornando-as pouco a pouco mais harmoniosas ao ouvido; e dessa influencia fala Baptista Caetano, á pag. LXXI da carta ao Dr. Ramis Galvão, que precede a *Arte da Grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri*, em que diz: «Limitando-nos a fazer apenas o confronto do Kiriri com a lingua geral vimos tambem que elle está mais ou menos eivado de vozes do portuguez, e talvez ainda de vozes africanas.

A lingua geral devia ter soffrido mais, pois que desde 1589 ou antes mesmo, já os petiguares estavam em contacto com os conquistadores.

O cabo das Tartarugas, hoje Jericoácoára, no principio da exploração do Ceará, vem denominado Jaracoara na carta que o Governador geral Gaspar de Sousa, em 20 de Agosto de 1614, dirigiu ao rei de Portugal, communicando que os inimigos tinham vindo destruir os presidios do Seara e Jaracoara; em Diogo de Campos Moreno, *Jornada do Maranhão*, livro escripto pouco depois de sua saída do Maranhão, em 4 de Janeiro de 1615, á pag. 166, vem Peruquaquará e á pag. 181 Jeruguaguara; no Memorial que acompanhou a Petição de Bento Maciel Parente ao rei Pelippe III, em 1626, á pag. 39 do 2.º volume das *Memorias do Maranhão* de Candido Mendes, lê-se Jurucoaquara; na carta de Hendrick Vam Ham, de 19 de Abril de 1638, ao Conselho Supremo de Pernambuco, transcripta á pag. 80 da *Revista do Instituto do Ceará*, relativa ao anno de 1896, vem ainda Juryquagua, etc.

Com estes termos nunca absolutamente se poderá traduzir pela etymologia Buraco das Tartarugas, como hoje se pretende.

Não menos irregular é o nome Camocim.

Diogo de Campos Moreno, autor contemporaneo da fundação desta capitania, na obra acima citada á pag. 166, chama-o Camori, e repete o mesmo nome á pag. 184; Gedeon Morris, na carta de 4 de Agosto de 1641 aos

membros do Conselho Supremo, á pag. 94 da *Revista* de 1896, Commeci, e em outra de 8 de Oitubro daquelle mesmo anno aos mesmos magistrados, á pag. 287, Commeni; na carta de Lichthart, van Koin e Bas, de 3 de Dezembro do referido anno ao Conselho do forte de S. Luis, á pag 288 da *Revista*, Commestry e o repete mais abaixo; na carta do Conselho aos directores da Companhia, de 18 de Fevereiro de 1642, á pag. 289, Cammuci; e nos *Excerptos* da obra *Historia de Portugal Restaurado*, por D. Luis de Menezes, Conde de Ericeira, que se referem a factos de 1642, e vem no 2.° volume das *Memorias do Maranhão*, á pag. 432, Camozins.

São estas e aquellas palavras as primeiras que se escreveram em papeis publicos acerca daquellas localidades

Si bem que a carta do P.e Luis Figueira (*), datada de 26 de Março de 1608, seja o documento mais antigo em que se acha graphado em mais de um logar o nome Ceará, tenho contudo notado nas minhas pesquisas, á respeito da origem do nosso territorio, que predominou ao principio a corruptéla Seará, do outro modo de composição da palavra.

Lê-se Seará nos seguintes documentos, os quaes têem todos referencia com os actos primitivos da sua colonização:—na carta de Gaspar de Sousa, de 12 de Abril de 1614, ao rei de Portugal sobre o povoamento e defeza da capitania do Seará; no Regimento do mesmo Governador, de 22 de Junho do dito anno, a Jeronimo de Albuquerque, para a conquista do Maranhão passando pelo Seará; na carta do mesmo a El-rei, de 20 de Agosto desse anno, remettendo duas de Martim Soares Moreno, avisando que os inimigos tinham vindo desfazer os presidios do Seará; na carta do Governador D. Luis de Sousa, de 31 de Janeiro de 1619 ao rei, aconselhando

---

(*) O Barão de Studart fez-me a graça especial de mostrar este precioso documento, que acaba de ser-lhe presenteado pelos Jesuitas hollandêzes. E' de um valor inextimavel.

que mandasse Martim Soares ao Seará, donde faria embarcar nos navios que dalli fossem 50 ou 60 casaes e o mais que podesse do Seará para o Paraa; na Patente com que El-rei faz mercê ao mesmo Martim Soares, em 26 de Maio daquelle anno, da fortaleza do Seará por tempo de dez annos, em consequencia de ter sido o primeiro fundador da fortaleza do Seará; no parecer do Conselho da Fazenda, de 22 de Agosto de 1620, a respeito do pedido do mesmo Martim Soares, de paramentos para o Seará; no parecer do Conselho da Fazenda, de 4 de Janeiro de 1621, opinando que se desse ao mesmo 400 cruzados de ordenado como capitão do Seará; no parecer do mesmo Conselho de 26 de Março do dito anno, informando a sesmaria que pediu o mesmo, que foi o primeiro povoador do sitio do Seará; no Alvará de 16 de Julho daquelle anno, marcando o ordenado de Martim Soares provido na capitania do Seará; nos *Apontamentos* addicionados aos Annaes de D. João III, relativamente ao anno de 1628, e publicados no 2.º volume das *Memorias do Maranhão*, á pag. 416, onde se diz: Terceira é a capitania do Seará, ruim porto com baixos; no parecer do Conselho de Ultramar de 10 de Março de 1629, sobre uma carta em que Martim Soares se queixa do Governador geral, entendendo que se devia ordenar ao governador mandasse logo ao Seará todos os soldos que são devidos aos soldados, etc.; na *Chronica da Companhia de Jesus* do P.e Simão de Vasconcellos, á pag. CLXIII, da primeira impressão de 1663: No Seará acha-se o ambar por arrobas.

Encontra-se a palavra Ceará na *Relação sumaria das coisas do Maranhão* de Simão Estacio da Silveira, escripta em 1624, e vem publicada nas *Memorias do Maranhão*, de Candido Mendes, na primeira pagina do volume 2.º Tratando das aves, diz elle, á pag. 26, que ha muitos passaros vermelhos e outros amarellos, papagaios, aráras, coricas, garçolas, etc., e não fala na especie Ciará da familia dos Pionides.

No Memorial que Bento Maciel Parente, em 1625, dirige a Felippe III para o fim de conservar e augmentar

a conquista do Maranhão, á pag. 38 do 2.º volume das *Memorias do Maranhão*, lê-se: E siendo V. Mag.ᵉ servido repartir este Estado en capitanias, deve empeçar la del Ceará en el Rio de Jaguaribe, que dista mais de cien legoas del Rio Grande, etc.

Nos *Excerptos* da obra *Portugal Restaurado*, pelo Conde de Ericeira, á pag. 421 das referidas *Memorias do Maranhão*, volume 2.º, vem: A ilha do Maranhão fica na costa do Brazil; corre para o Ceará de oeste a leste e para o Pará a oesnoroeste em dois graos e meio da banda do sul.

Na *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba*, do P.ᵉ Antonio Vieira, que se refere ao tempo decorrido de 1655 a 1660, todas as vezes que o autor se occupa desta capitania, dá-lhe o nome de Ceará.

Na *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará*, emprega o P.ᵉ José de Moraes, que a escreveu em 1759, continuamente o nome de Ceará, quando trata de factos relativos á conquista do Maranhão, sobretudo da entrada no nosso territorio dos Padres Jesuitas Francisco Pinto e Luis Figueira.

O P.ᵉ Antonio de Santa Maria Jaboatam, no seu *Novo Orbe Serafico Brazilico*, impresso em 1761, dando na Estancia XIII a descripção da capitania do Ceará, escreve sempre Ceará.

A primeira destas formas de escripta está mais proxima das origens. Depois da carta do P.ᵉ Luis Figueira só em 1624 se vai ver aquelle nome em Simão Estacio.

Ao contrario das duas já conhecidas, na *Jornada do Maranhão*, do sargento-mór Diogo de Campos Moreno, escripta depois de 4 de Janeiro de 1615, quando deixou o Brazil, ás pags. 160, 162, 164, 169, 171, 172, 180, 181, 187 e 189, lê-se invariavelmente Siará, e do mesmo modo Gaspar Barleus (Van Baerle) no corpo da obra *Res Brazilicæ*, onde trata desta capitania, e nas duas cartas topographicas da barra do rio Ceará, vêem-se, de modo diverso do que diz o Dr. Theodoro Sampaio, graphadas em uma as palavras *Ars in Siará*, e na outra no

meio de um emblema ou enfeite no alto da pagina *Siará*.

No *Exame de Pilotos* composto pelo Cosmographo-Mór Manoel de Figueredo e impresso por Vicente Aluares em 1614 se escreve Siará segundo colheu e copiou da Sala dos Reservados da Bibliotheca Nacional de Lisboa o Barão de Studart.

Não me foi possivel ver o livro de George Margraff, e si elle escreveu Ciará, foi sem duvida o unico que adoptou similhante ortographia, pois que nos demais se observa o contrario.

A sua *Historia natural do Brazil* foi publicada em 1648, ao tempo do dominio hollandês.

Nos trabalhos dos seus contemporaneos, traduzidos pelo Dr. José Hygino, e que se referem ao tempo em que por aqui se demoraram, transcriptos do *Jornal do Commercio* para a *Revista do Instituto do Ceará* do anno de 1896, é empregado continuamente o vocabulo Ceará, mas á pág. 72 da mesma *Revista* vê-se a nota de que os Hollandêses escreviam Syará.

No *Regimento de Pilotos e Roteiro da Navegaçãm e Conquistas do Brazil*, etc., pelo Dezembargador Antonio de Mariz Carneiro, publicado por Manoel da Silva em 1655, o qual é conhecido entre nós por uma copia tirada pelo Barão de Studart da Sala dos Reservados da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o nome é graphado ora Seará ora Siará.

A favor do Dr. Theodoro Sampaio, que entende Ciará significa ou designa simplesmente uma casta de papagaios, só resta Fr. Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brazil*, escripta em 1627; mas este autor graphando o nome ora Ciará, Syará, ora Ceará, provou de sobejo que não tinha convicção firme sobre a verdadeira etymologia do termo em questão.

Creio mesmo que aquelle autor, cujo trabalho na parte que nos tóca está transcripto na *Revista do Instituto*, era pouco versado em lingua tupi; pois que do contrario teria admittido uma só forma para o emprego da palavra que estava sujeita a regras da etymologia

indigena, e os tres modos de escripta de que se serviu só fazem deixar duvidas sobre a verdadeira palavra.

Pode acontecer que seja a obra de Fr. Vicente do Salvador o documento historico mais antigo em que vem o nome Ciará, e de feito o é, quanto a ter elle empregado o tal vocabulo escripto desse modo, mas antes delle com certeza todos escreveram Ceara, Seará e Siará, como ficou demonstrado, e que pouco devia alterar a primeira corruptéla.

A segurança com que o illustrado engenheiro ampara a sua opinião baseando-se em Pisarro e Ayres de Casal, acho que não o garante de cair em falta; pois que ambos publicaram os seus livros mais de 200 annos depois da fundação do Ceará, onde os Indios já eram moradores desde a conquista da Parahyba e Rio Grande, no ultimo quartel do seculo XV, e por conseguinte estes historiadores se acham muito distantes da verdadeira origem do nome tupi.

Demais, Ayres de Casal, na sua *Corographia Brasilica*, descreve esta antiga provincia sob o nome Ceará, á pag. 195 do 2.º volume, e apenas em uma nota abaixo da mesma pagina dá noticia em duvida sobre o papagaio em questão nestes termos: Dizem que Ciará, no idioma indigena, significava canto da jandaia, que é uma casta de papagaio pequeno e grasnador.

E elle nada disse nem affirmou.

Tenho lido muitos autores que se occuparam do Brazil, desde Gabriel Soares, que nada podia escrever sobre o nosso territorio, porquanto publicou a sua *Noticia do Brazil* em 1587, desaseis annos antes que Pedro Coelho de Sousa fizesse a primeira entrada em terras cearenses, e não encontrei em nenhum que tratasse desses passaros com aquelle nome, á excepção dos dois acima mencionados, sendo ainda de notar quanto a Pizarro, que nas *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, tomo 8.º, á pag. 221, nota 1, sustenta vir o nome da capitania do alludido papagaio Ciará, opina, no emtanto, que a sua significação vem da palavra Suiá, que quer dizer caça e que os Portuguêses converteram-na em Ceará.

A perplexidade do autor sobre a verdadeira palavra prova bem a falta de convicção relativamente ao que escreveu.

E' inadmissivel qualquer das interpretações.

Não ha, pois, duvida que o termo Ceará ou Seará tantas vezes repetidos nos antigos documentos, proveiu da *infinita* caça, que havia neste Estado, e foi causa de fixarem os Indios por aqui a sua nova residencia.

Não ha outra explicação mais de harmonia com a critica historica, e quanto a mim as variantes da palavra Ceará não passam de simples questão de ortographia. Uns escreveram de um modo, outros de outro.

Ao concluir este artigo, aproveito a opportunidade para expender um pensamento que me assaltou o espirito depois da leitura dos diversos documentos, que consultei.

E' que o nosso Rio Ceará teve este nome primeiro que o do Rio Grande, e a razão está em que não ha uma só prova em contrario, quer escripta, quer tradicional; e tanto assim é que o nosso chamou-se Ceará-grande e o outro Ceará-mirim, muito embora tenha este dez leguas mais de curso do que aquelle

Naturalmente passou aquella denominação ao territorio, e por ser este maior que o da capitania vizinha, ficou o nosso com a classificação de superioridade de accordo tão somente com a extensão do terreno.

O rio deu nome ao primeiro povoado proximo que depois passou ao local onde está hoje a Capital, de sorte que ainda hoje perguntando-se a alguem que venha para esta cidade, qual o seu destino, elle responde mui indifferentemente: vou para o Ceará, e do mesmo modo todas as cartas enviadas do exterior para a Fortaleza são sobrescriptas com o endereço Ceará.

Da leitura das cartas dos Hollandêses que se assenhorearam desta capitania, verifica-se que os Indios viviam em continuas viagens da Parahyba e Rio Grande para aqui, e daqui para aquelles pontos; e na carta de Hen drick Vam Ham, datada de 19 de Abril de 1738, diz elle, á pag. 79 da *Revista do Instituto*, de 1896, que:

«Não são poucos os Indios que chegam da Parahyba e Rio Grande, que fazem esta viagem para levarem o ambargris. E mais adeante: Pode-se levar daqui uns cem ou tresentos para reforçarem as aldeias do Rio Grande, donde se conclue que nesse tempo, 1638, já o Ceará enviava Indios para a defeza do Rio Grande.

Si, como se sabe, teve começo a conquista da capitania vizinha em 19 de Dezembro de 1597, gastando-se muitos annos em domar os Indios, que em grande quantidade infestavam aquella região, e Pedro Coelho de Souza, em 1603, seis annos depois, conduz a Ibiapaba os petiguares, moradores na barra do rio naturalmente já denominado Ceará, como escreve o mesmo capitão-mór, e se vê da carta já citada do P.e Luis Figueira, datada de 26 de Março de 1608, é fora de duvida que foi dado este nome primeiramente ao rio da nossa capitania.

Não é que a denominação de Ceará-grande queira dizer que a povoação fosse maior, mas sim que lhe foi dada antes que a do Rio Grande.

Vê-se, entre nós, que uma localidade qualquer que já tenha nome, toda a vez que se funda outra com o mesmo, dá-se-lhe este na forma diminuitiva, muito embora distante della, no que regula invariavelmente a precedencia do primeiro.

Assim, o sitio Caracu, na comarca de Sobral, foi povoado primeiro que a lagôa Caracusinho, no municipio da Porangaba; o sitio Piauhysinho, no Icó teve seu nome já existindo o Piauhy grande; o sitio Ipusinho foi povoado depois do Ipu grande; dos dois rios Aracaty, ao norte do Estado, chamou-se o primeiro Aracaty-assu, por ter sido descoberto antes do outro que fica mais alem, ao qual denominou-se Aracaty-mirim; a fazenda Caiçára, no municipio do Riacho do Sangue, já existia quando fundou-se a Caiçárinha; a fazenda Cerca, no municipio de Varzea-alegre, foi fundada ao tempo do donatario Agostinho Duarte Pinheiro, e mais tarde fundou-se a Cerquinha; a fazenda Dançinhas, no municipio do Limoeiro, appareceu muito depois de Danças, sitio do tempo do

donatario Fr. Manoel de S. Gonçalo, do convento de Goyana, que lhe deu esse nome, como da sesmaria.

A prova é indestructivel, e não a levo mais adeante por desnecessaria.

Até o anno de 1603, o Rio Grande do Norte era muito pouco conhecido alem da capital, devido a desesperada resistencia dos indigenas, e, portanto, predomina a minha opinião.

Continuo a pensar que a corruptéla do nome Ceará veiu de çôo, sôo, sûu, e Siará, Syará ou Ciará são outras tantas inversões commettidas por escriptores, que não conheciam a verdadeira origem daquella palavra, como entre nós ainda hoje se chama Iguatu por Igatu, Mecejana por Messejana, Aguanambi por Jaguarnambi, Cratheus por Carateus, Acaracu por Caracu, Maurity por Murity ou Burity, Mudubim por Mendobi, Precapara por Pecapara, Carnahubeira por Carnahuba, etc., e só cederei a provas mais fortes do que as que apresentou o Dr. Theodoro Sampaio.

Si não expliquei satisfactoriamente a palavra, ficame a convicção de que tenho o mesmo direito que os que arranjam radicaes, e os collocam como muito bem lhes parece, sem se importarem com o que era seguido na lingua indigena, como faziam o Barão de Porto Seguro, Von Martius, E. Liais e Barboza Rodrigues.

ANTONIO BEZERRA.

Barro Vermelho, 29 de Setembro de 1901.

